



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de anúncio de novos projetos financiados pelo FNHIS – Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – (PAC Habitação)

Palácio Itamaraty, 10 de novembro de 2009

Ultimamente, eu ando alegre. O Vasco está bem, já foi classificado para voltar para a divisão especial. O Ronaldão, apesar de bochechudo, está bombando, marcando gols. Quem era campeão por antecedência não vai ser. Quem não era pode ser. Até o São Raimundo, de Santarém, ganhou a série C [D], foi para a série D [C]. Quando o Corinthians completar 200 anos, o São Raimundo vai disputar um jogo com o Corinthians na divisão especial.

Não, hoje eu estou satisfeito por outra coisa. Eu estou satisfeito porque, hoje, ontem, teve uma bela homenagem prestada pela Fiesp ao nosso querido companheiro José Alencar. Uma homenagem de fazer qualquer cidadão brasileiro normal chorar. E, hoje, nós tivemos um bom encontro com empresários italianos, um bom encontro com os empresários franceses. E a alegria de vocês estarem aqui. Na verdade, os governadores e os prefeitos, alguns nem precisariam vir, ou seja, o fato de os governadores virem aqui é, não é nem necessidade de dinheiro, é uma questão de amizade, de afeto, de respeito, que nós adquirimos nesse período. E a gente também poderia fazer as coisas sem convidar vocês, mas eu penso que política a gente não faz nem por e-mail, nem por fax, nem por telefone. Política a gente faz tocando um no outro, conversando, se abraçando. E é por isso que a gente convoca vocês aqui, porque já houve momentos, e muitos momentos na história deste país, em que prefeito o máximo que fazia era receber um cartão de um deputado dando a autorização para ele entrar dentro do Congresso Nacional e, muitas vezes, um ministro, por benevolência, atender um prefeito, mas tratar com cidadania, nunca foram (incompreensível).



Ainda esses dias, Sérgio, tem alguns estados em que os prefeitos querem fazer uma mobilização para apresentar uma pauta de reivindicação como eles apresentam para mim todo ano. E todo ano eu vou lá receber os prefeitos. Você sabe que tem governador que está telefonando para os prefeitos não comparecerem para transformar o ato só em um ato político, no caso do estado que eu estou falando, do PT. Mas é uma coisa sem explicação as pessoas não terem sequer a coragem de receber alguém para reclamar dele ou até para elogiar. Então, eu estou feliz pela presença de vocês e estou feliz porque ontem eu vi uma matéria com o resultado de uma pesquisa que mostra o seguinte: as classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram 5% a mais do que as classes A e B do Sudeste. E aí combina com uma coisa que o Téo me falava, que ele esqueceu de falar aqui, que de janeiro até agora diminuiu em 30% a mortalidade infantil em Alagoas. Esse é o dado mais excepcional e que, obviamente, poderia me deixar alegre.

Bem, então queria cumprimentar a Dilma,

Os ministros Marcio Fortes,

Companheiro Alexandre Padilha,

O Paulo Bernardo, do Planejamento, que está aqui,

O companheiro do Turismo que está aí.

Vocês não colocam o Paulo Bernardo na mesa, mas depois quem tem que liberar dinheiro é ele, aí não se queixem.

O governador Edmundo Pereira, nosso vice, está em exercício na Bahia.

O Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro.

O Wellington Dias, do Piauí. O Wellington já vem aqui quando não tem anúncio de dinheiro, quando tem, então, ele vem um dia antes e fica um dia depois. Ele vem um dia antes para ver se pega um pouco mais e fica um dia depois para ver se tem sobra, pegar a “xepa” do investimento, aqui. Cadê o Wellington? Ah, então deve ter maior interesse lá, então. Deve ter uma verba maior lá.



Quero cumprimentar o nosso companheiro Teotônio Vilela,
Nosso companheiro Eduardo Braga, do Amazonas,
O Carlos Henrique Gaguim, de Tocantins, que está aqui,
Os senadores Delcídio Amaral,
Nosso líder, Romero Jucá,
E o Sadi Cassol, novo senador da República pelo estado de Tocantins,
que está aqui presente,

Deputado Neudo Campos,

O nosso companheiro Raul, prefeito de Palmas,

A Maria do Socorro, prefeita de Timon. Para quem não sabe, Timon é uma cidade do Maranhão, que fica exatamente na divisa da capital do estado do Piauí, Teresina, sabe... privilégio de ter uma capital, utiliza um pouco da Saúde da capital, e isso é bom.

E o Saulo. E eu acho que nós estávamos terminando esse ato, fazendo uma sacanagem com o Saulo. A palavra “popular” é sacanagem, porque esse tal de FNHIS não foi nem eu, nem o Sérgio Cabral, nem o Eduardo Braga, nem o Jucá, nem a Dilma, não foi nenhum de nós que inventou. Quem inventou isso foi o movimento social, sobretudo o movimento de moradia deste país.

E, agora, nós estamos aqui, gastando o dinheiro deles. O companheiro Saulo é conselheiro do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social, e eu acho justo, antes de eu continuar com a minha tagarelice aqui, passar a palavra para o companheiro Saulo falar algumas palavrinhas com vocês, porque é justo.

Senhor Saulo: _____

Presidente: Ganhei uns dez pontos aqui (incompreensível). Isso aqui é como lembrar do aniversário da mulher da gente. Não esqueça, se lembrar, não tem muito sentido, mas, se esquecer, tem.



Bem, companheiros, vocês viram: é a terceira vez que o governador de Alagoas vem a um ato aqui dentro. E toda vez que ele vai falar, ele começa pedindo desculpas porque os tucanos vão ficar zangados com ele. E eu diria que não tem nenhum sentido. Eu diria que não tem nenhum sentido, deixe eu te falar: não tem nenhum sentido porque não tem um tucano que não seja bem tratado neste governo. Eu, aliás, Téo, aliás, te falo de coração, de alma limpa: eu até duvido que algum governador tucano recebeu 50% do recurso quando os tucanos governavam o Brasil do que recebem no meu governo, eu duvido. Pode fazer o levantamento quem quiser. A imprensa pode fazer o levantamento, para não dizer que sou eu que estou enxerido aqui, falando coisas. Façam o levantamento e vejam quanto foi passado em oito anos para o Mário Covas e quanto a gente passa para o Serra, para o Aécio, para a Yeda Crusius, para o Cássio Cunha Lima, para todos, para você... Não há hipótese nenhuma de a gente falar: eu não vou dar 10 (incompreensível) porque o cara não é do meu partido. Não existe essa hipótese, não existe. Não faz parte da minha formação política, não faz parte da minha experiência sindical e a gente governa não olhando o governador ou o prefeito, a gente governa olhando as necessidades do conjunto da população deste país. E isso eu acho que é uma marca que eu me orgulho, me orgulho profundamente de dizer que eu posso ter muitos defeitos, mas não tenho o defeito de destratar companheiros porque não são do meu partido ou porque não pensam ideologicamente como eu.

Então, eu acho importante esse depoimento porque nós estamos chegando ao final de uma jornada de oito anos, no meu caso. Alguns ainda têm metade pela frente, outros já vão terminar. Eu acho que essa é uma marca do Brasil.

Eu penso que não há hipótese, daqui para frente, de um governante mudar o tratamento que nós demos aos prefeitos deste país ou aos governadores deste país. Posso dizer para vocês que será muito difícil este país voltar a uma situação em que prefeitos e governadores vêm a Brasília



mendigar o que deveria ser seu, e o governo central fica com o dinheiro para fazer superávit primário, para fazer “não sei das quantas”, e as cidades vivendo à pão e água lá em seu estado.

Porque, veja, a situação do governo federal é muito cômoda na relação com os entes federados. É muito cômoda. Normalmente são os estados que estão precisando, na maioria das vezes, os prefeitos. Então, você poderia pegar o 1 bilhão e pouco que está colocando aqui, fazer uma grande ponte e colocar o nome da minha mãe. Não importa que a ponte não tivesse começo, meio e fim. Não importa, mas a ponte cabia o nome da minha mãe desse tamanho, assim.

Agora, fazer esgoto, que vai embaixo da terra; fazer tratamento de saneamento básico nos lugares mais pobres deste país; colocar guia em sarjeta... Porque a classe rica não sabe o valor de um metro de asfalto. A gente já nasce no asfalto, então... Agora, vá na terra do pobre, que o cara costuma carregar um quilo de barro embaixo do pé para ir trabalhar, quando chove, e faça um asfaltozinho, mesmo que seja uma “piçarrinha”, para ver como ele vai ganhar o reino da alegria.

Eu já me contentava, Marinho, com uma guia e com uma sarjeta, andava assim para ir trabalhar, saía de manhã com uma galocha, porque tinha que colocar a galocha. A gente andava assim, pisando (inaudível), de vez em quando, descia para o barro. Então, a gente estava... Quem já nasceu no asfalto não sabe o que é isso, não tem a menor noção.

Então, cuidar dessa parte mais pobre da população... E eu digo sempre, quando eu vou com o Sérgio Cabral, no Rio de Janeiro: “O que nós estamos fazendo é uma reparação da irresponsabilidade de quem governou este país antes de nós”. É uma reparação, porque não é possível deixar o povo se amontoar, como deixaram o povo brasileiro se amontoar, nesses últimos 30 anos. Se tivesse ordenamento, se tivesse vontade política, se tivesse disposição de conversar com o movimento, a gente iria resolvendo os



problemas sem permitir que as pessoas se amontoassem na beira de lixão, na beira de córrego, na encosta de morro, em lugares que, depois, fica infinitamente mais caro a gente consertar.

Então, o que nós estamos fazendo, a palavra correta é urbanização, saneamento, um monte de coisas, mas a palavra correta é reparação. Vocês, prefeitos e governadores, estão fazendo reparação daquelas pessoas que há 10 anos, 15 anos, 20 anos antes de vocês permitissem que o povo pobre se amontoasse de forma degradante, como se amontou neste país. A coisa poderia ser resolvida no começo, com mais facilidade.

Bem, essa é uma coisa importante. A outra coisa importante, companheiro, é que está acontecendo uma coisa fantástica, que é a construção de uma carteira. Uma carteira de projetos e uma carteira de obras. Ou seja, a coisa está entrando em uma sequencial, a coisa está entrando em uma sequencial... Pensa que eu sou analfabeto, meu caro? Eu falo logo é sequencial aqui para vocês saberem que meu vocabulário está evoluindo. Mas a coisa está entrando em um momento de sequência em que a gente vai ter um momento de vários projetos em execução e vários projetos prontos para serem executados, já com projeto executivo, já com licenciamento prévio, já com tudo, porque o primeiro problema do PAC foi a questão de falta de projeto. E aqui, orgulhosamente, eu posso olhar na cara dos governadores que entraram junto comigo, ou como o Sérgio Cabral, que entrou já em 2006, eu já estava nos segundo mandato. Ou seja, é que o PAC facilitou enormemente a vida dos governadores que entraram em 2006 e a vida dos prefeitos, porque, de repente, a gente sai de uma situação em que a palavra do governo federal era não liberar dinheiro para ninguém, porque era preciso resolver o déficit da conta corrente e era preciso resolver o negócio de superávit primário, era a lógica, para um governo que dizia o seguinte: "Vai ter dinheiro para fazer projetos estruturantes na periferia deste país". E essa foi uma mudança muito importante. Eu ousou aqui dizer, eu ousou aqui dizer que poucas vezes na



história deste país os municípios tiveram a quantidade de obras que eles têm hoje. Poucas vezes na história deste país.

Então, é uma conquista de vocês, meus filhos, não é uma conquista do governo federal, é uma conquista da briga de vocês, das conversas de vocês, do convencimento de vocês. Quando a gente já não tinha mais dinheiro no orçamento, nós fizemos uma outra coisa importante: aumentamos a capacidade de endividamento dos estados. Esses dias, Sérgio Cabral e Eduardo Braga, e meu querido governador de Tocantins, um governador falou assim para mim: “Mas o Lula? Pô, o Lula quer vir aqui até para inaugurar obra que eu financiei? O dinheiro é meu, eu vou pagar”. Tudo bem, cara-pálida, você vai pagar, mas se eu não tivesse emprestado, você não ia fazer a obra, ora. Que ingratidão é essa? Que ingratidão é essa? Se a gente não empresta o dinheiro, se a gente não aumenta a capacidade de endividamento... E eu sei que os governadores, em muitos estados, fazem o mesmo com os prefeitos: vão criando as condições.

Eu dizia para o ministro Guido Mantega: “Qual é a vantagem de o governo federal ter muito dinheiro e os estados e os municípios não terem uma ‘merrequinha’ para fazer uma única obra, o prefeitinho bolar o seu projeto e ter, lá, 10 milhões que sobraram da sua receita, do seu orçamento”. Era muito difícil, porque a maioria vive com o Fundo de Participação dos Municípios.

Que governo tomaria a decisão que nós tomamos de não permitir que os municípios tivessem prejuízo com a crise econômica? Nós, no governo federal, tivemos prejuízo, arrecadamos menos quase R\$ 60 bilhões, mas não permitimos que diminuísse a arrecadação dos prefeitos, não permitimos. O Paulo Bernardo sabe o que a gente está fazendo para cumprir o nosso orçamento. É como se você ganhasse R\$ 1.000,00 por mês e, de repente, você só tivesse R\$ 300,00 no bolso, e você tinha que pagar as dívidas dos R\$ 1.000,00.

E nós estamos fazendo isso sem permitir que nenhum prefeito tenha



prejuízo, sem permitir que um centavo do PAC seja tirado, um centavo do PAC não foi mexido porque, para nós, é sagrado. E eu tenho a convicção que será mais sagrado já nos próximos anos, porque, nos próximos anos, nós vamos ter que fazer, sim, PAC 2011-2015, PAC 2015-2021, quem quiser mudar, que mude, mas nós vamos fazer os PAC. Nós temos Copa do Mundo, nós temos Copa das Confederações, nós temos a Olimpíada Militar, que são seis mil atletas já agora, para 2011. E nós temos a taça que trouxemos de Copenhague, que é a Olimpíada de 2016.

E as pessoas precisam parar de duvidar do Brasil. As pessoas precisam parar de achar que nós somos de segunda classe, que nós não podemos nada. Logo, logo, nós vamos inventar uma Olimpíada de Inverno. Deixa o pessoal do clima lá, em Copenhague, não tomar conta do clima, que vai logo, logo, cair neve em Garanhuns e, aí, nós vamos fazer uma Olimpíada em Garanhuns, de neve ou de qualquer coisa, se não tiver, nós compramos gelo.

Mas a verdade é que o Brasil... Uma coisa que eu acho sagrada, vocês tem 70% de responsabilidade, é que a gente voltou a acreditar na gente, a gente voltou a acreditar na gente porque, antigamente, como era a vida dos prefeitos? O prefeito levantava de manhã e ia para o gabinete. Nas cidades pequenas do interior, Sérgio e Eduardo – o Eduardo deve conhecer mais do que o Sérgio, porque o Rio já é da parte mais rica do País. Mas um prefeitinho, Sérgio, de uma cidade de 3 mil habitantes no Nordeste, 4 mil, 20 mil, o prefeito levanta de manhã com 300, 400 pessoas na porta da casa dele. O cara quer dinheiro de passagem, o cara quer dinheiro para comprar remédio, o cara quer dinheiro para pagar a prestação, o cara quer dinheiro para mandar o filho não sei para onde, sabe? Então é um inferno. Com o Bolsa Família, 99% disso acabou, 99% disso acabou. Então eu acho que este país está virando um país mais civilizado, em que as coisas...

Esses dias o companheiro Pezão me deu um papel grande sobre Nova Iguaçu. Eu já tinha ouvido do prefeito Lindberg que faltam apenas 12



quilômetros para asfaltar toda a nossa querida Nova Iguaçu. Mas o Pezão me deu uma coisa que nós estamos fazendo lá na Baixada Fluminense, de recuperação de todos os rios da Baixada Fluminense, que eu confesso a vocês que eu fiquei impactado. Eu estou até marcando uma ida à Baixada Fluminense, de helicóptero aberto, com o Stuckinha para tirar fotografia, com a televisão, para mostrar. Porque se algum adversário meu ficar ofendido porque eu estou mostrando, eu sei que eles vão mostrar as coisas que a gente não fez. Então, entre não mostrar e mostrar, nós vamos mostrar o que está fazendo, porque nós vamos mudar a cara da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Como eu quero mudar a cara de Alagoas, como eu quero mudar a cara do Amazonas, de Tocantins. O Brasil entrou em uma nova fase, não vai faltar dinheiro para isso e não pode faltar.

Eu, esses dias, estava no Ceará entregando uma obra de R\$ 352 milhões em um bairro chamado Maranguapinho, eu não sei. Bom, de qualquer forma, em uma obra só em um bairro de Fortaleza era mais dinheiro do que tudo que foi liberado em 2002 inteiro para saneamento básico. Então, a coisa do Brasil mudou tanto que os pobres estão comendo mais do que os ricos. Não sou eu quem diz, é pesquisa. Está comprando mais material de higiene, coisa que era impensável há algum tempo, não é? O que a gente está percebendo é que os municípios pobres começam a melhorar a sua situação. Alagoas dizer que diminuiu 30% a mortalidade infantil é um fato extraordinário.

O governo federal aprendeu o caminho de arrumar dinheiro. Então, daqui para frente, gente, só tem uma coisa: é vocês tocarem as obras. Não tem nada mais perverso do que a gente ter o dinheiro, do que a gente ter o projeto e a obra não acontecer. Então, o dinheiro tem, e quanto mais vocês fizerem, mais vai aparecer dinheiro. Isso é que nem poço: quanto mais cavar, mais água vai sair. Porque, na hora em que vocês tiverem projetos convincentes, esses projetos irão ser construídos.

E eu acho que os prefeitos, a maioria que está no um ano de mandato



ainda, nem um ano começou, vocês têm mais três anos pela frente para fazer projeto. Nós vamos apresentar o novo PAC, os governadores e os prefeitos comecem a ver quais são as prioridades dos seus estados, além da Copa, além das Olimpíadas, porque é o seguinte: este país não tem retorno, este país não tem retorno. Podem ter certeza de uma coisa: este país vai se transformar em uma grande nação. Esse é o destino do Brasil no século XXI, está escrito nas cartas, na Bíblia, e está escrito onde a gente quiser. O nosso companheiro Saulo teve até premonição de que vai ser assim. Então, por que desacreditar disso?

Então, acabou o tempo em que prefeito ficava no gabinete dele, com a mão no queixo, xingando o governador; o governador ficava com a mão no queixo, xingando o presidente; o presidente ficava com a mão no queixo, xingando o FMI, e as coisas não aconteciam. Agora, nem vocês têm que me xingar, nem os prefeitos têm que xingar vocês, nem eu tenho que xingar o FMI. Nós temos é cumprir com a nossa obrigação de bem governar este país.

Portanto, meus companheiros, mais uma vez, meus parabéns. Fiquem de olho para o Marcio liberar todo o dinheiro que ele prometeu aqui. Você viu que o “bichinho” é ligeiro para falar: “50 milhões, 80 milhões, 30 milhões, 40 milhões”. E já vi prometendo metrô para todo mundo, aqui. É importante vocês cobrem. Porque somente assim a gente vai continuar fazendo este país dar certo.

Aos governadores e aos prefeitos, mais uma vez, minha gratidão e o meu reconhecimento pelo trabalho extraordinário de vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
